



O beijo de Judas: fotografia e verdade, de Joan Fontcuberta.  
Barcelona, Gustavo Gili, 2010, 136 p.

# Não confie em ninguém: existe verdade por trás da fotografia?

Trust no one: is there truth behind the photography?

Guilherme Henrique de Oliveira Cestari\*

Ato e pensamento fotográficos são tema principal de publicações dedicadas a problematizar a realidade e a percepção a partir da constituição da imagem técnica. Sem dúvida, credibilidade, manipulação, ética e objetividade são assuntos centrais no universo das imagens. Em *O beijo de Judas: fotografia e verdade* (Editorial Gustavo Gili, 2010, 136 p.) o professor, pesquisador, fotógrafo e curador barcelonês Joan Fontcuberta oferece um panorama reflexivo acerca da relação entre fotografia e mídia na contemporaneidade. Com linguagem simples para abordar tópicos delicados, o autor propõe inovações para a fotografia artística e jornalística por meio da discussão de questões que envolvem Filosofia, Ciências da Informação, Antropologia e Jornalismo. Sem cair nas armadilhas da subjetividade e do relativismo, constrói-se um raciocínio bastante coeso acerca das relações entre criação artística, documentarismo, pensamento e memória.

Outras obras do autor revelam uma abordagem multidisciplinar, dentre elas se destacam: *Photography. Crisisofhistory* (Editora Actar D, 2002, em inglês), *Esteticafotografica* (Editorial Gustavo Gili, 2003, em espanhol), *Miracleset cie* (Editora ActesSud, 2005, em francês) e *La câmara de Pandora: lafotografi@ despues de la fotografia* (Editorial Gustavo Gili, 2010, em espanhol). *O beijo de Judas*, única obra do autor traduzida para o português até então, contribui para compor um raciocínio que prioriza reflexões estéticas e éticas tomando por base os papéis sociais assumidos pela imagem fotográfica.

\* Graduado em Design Gráfico pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestrando em Comunicação pela mesma instituição. Bolsista da Capes. E-mail: gui\_cestari@hotmail.com

Originalmente publicado em espanhol no ano de 1997, com complementos para a edição em língua portuguesa, *O beijo de Judas* é composto, em sua maioria, por textos escritos para fundamentar o programa do 27º Festival de Fotografia da cidade de Arles, França, do qual Fontcuberta foi diretor artístico. Rica em exemplos e imagens, a publicação estimula o leitor a assumir posturas críticas em relação ao conteúdo presente em exposições museológicas, jornais e revistas. De início, o próprio fotógrafo afirma que toda teoria possui elementos autobiográficos; as experiências do autor influem diretamente em seus pensamentos e concepção de mundo. Fontcuberta utiliza exemplos de artistas que influenciaram sua obra e de seus próprios trabalhos e exposições. O faz não para afirmar seu ego, mas articula texto e imagem de forma complementar e esclarecedora, aproxima, assim, arte e fotografia do cotidiano.

Toda fotografia é ficção, todo fotógrafo é mentiroso e manipulador. Com parcimônia, o autor desenvolve seu discurso cético deixando claro que a manipulação é inevitável e que produzir ficções é natural da comunicação humana. O intelecto se adequa ao objeto; o olhar do espectador recria a significação. A influência do pensamento de Vilém Flusser (autor de *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*, original de 1983; *O universo das imagens técnicas: o elogio da superficialidade*, 2009, entre outros) torna-se evidente não somente na dedicatória ou nas referências bibliográficas, mas na exposição de ideias que presumem um jogo interminável entre homem e aparelho fotográfico.

Estabelecendo relações entre fotografia e pecado, fotografia e busca da luz e de Deus e fotografia e espelhos o texto leva em conta as dimensões e possíveis desdobramentos mitológicos característicos deste meio. A fotografia pode reforçar crenças e protagonizar rituais mágicos. Sobretudo, afirma-se que normas e aparentes certezas para a classificação de uma imagem como “boa” ou “ruim” não passam de convenções legitimadas, questões de fé, envolvimento e expectativa por parte do leitor. A verdade

não passa de um palpite institucionalizado baseado em determinadas relações de poder.

Os primeiros experimentos fotográficos, respaldados pela razão positivista, traduziam o desejo do homem de controlar, apreender, classificar a natureza. No entanto, as promessas por eles trazidas, que pressupunham fidelidade e transcrição automática do real, são vistas com desconfiança pela lógica contemporânea. A ilusão de uma abordagem imparcial e neutra fundou-se em convenções sociais que ignoravam a natureza ambígua da imagem fotográfica. Não se deve subestimar a fotografia e suas potencialidades, sob a pena de incorrer em teorias excessivamente deterministas, que podem comprometer boa parte das dinâmicas criativas do fotógrafo.

As manifestações artísticas referidas no texto não possuem intenções assépticas, elitistas ou puramente estéticas. Ao contrário, desdobram-se sobre uma diversidade de meios assumindo as mais variadas formas. Híbrida e contaminada, a experiência artística infiltra-se em ambientes de discussão e expressão social e popular para realizar experimentações com o olhar e com as noções de verdade e realidade inerentes aos leitores. Quando questiona as relações de aparente “confiança” entre homem e imagem, o discurso artístico e estilístico vê-se dotado de grande potencial problematizador. Contra todo o tipo de vício relacionado ao consumo informacional, o Fontcuberta propõe a *fotografia contravisiva*, que se aproveita das fragilidades do hábito, da rotina e do programa aparentemente seguros para descobrir incertezas e incômodos na leitura imagética. Atuando para a conscientização, a *contravisão* subverte a normalidade cotidiana e, ao evidenciar processos de manipulação, agita olhares sedimentados e acomodados pela ideologia.

As noções de documentarismo se alteram sob o olhar questionador de Fontcuberta. Documentos, assim como memórias, são continuamente desconstruídos, reinventados e reinterpretados. Todo documentário possui, necessariamente, uma instância ficcional, e nem por isso perde seu valor documental. É importante que discussões que levem em consideração a comunicação contemporânea não se orientem para a classificação de um

conteúdo como estritamente artístico ou documental, mas que reconheçam o valor documental presente na arte, bem como as instâncias estilísticas e expressivas do documento.

Toda imagem é fruto de interferências que permitem ao interlocutor presumir contextos, intencionalidades, inevitabilidades e consequências de acordo com seu próprio repertório. Ao conceber imagens mentais sobre tais condições de produção, o observador sofre influência da imagem material. Logo se evidencia um processo cíclico em que intervenções geram imagens, que, por sua vez, produzem impacto sobre o leitor. Imagens materiais evocam lembranças, influem sobre pensamento, identidade e conduta daquele que antes era apenas leitor, mas que imergiu nas matrizes simbólicas da imagem e contribuiu para ressignificá-las. Em outras palavras, olhar e pensamento determinam e são determinados pelas imagens.

Em *O beijo de Judas*, Joan Fontcuberta desconstrói noções de credibilidade, realismo e objetividade arraigadas à fotografia moderna. Ironicamente, o faz por meio de amostras fotográficas, o que leva o leitor, com base no próprio raciocínio desenvolvido, a questionar a legitimidade das legendas e dos exemplos. Essa sensação desconfortável de incerteza e constante desconfiança faz parte da mensagem transmitida pelo livro, certamente utilíssimo a profissionais e curiosos que lidam diretamente com fotografia e mídia, se não como forma de rever hábitos e certezas da profissão, como exercício de questionamento e problematização do olhar contemporâneo.